

Memória e história do movimento sionista

Nechama Puchachevski, escritora da odisseia sionista

REUVEN FAINGOLD

Doutor em História e História Judaica pela Universidade Hebraica de Jerusalém.

Professor no Colégio Iavne e no Departamento de Artes Plásticas da Arte da FAAP, em São Paulo e Ribeirão Preto

RESUMO A memória do povo judeu se manteve umbilicalmente vinculada aos seus principais personagens. O movimento sionista, parte desta memória, legou figuras valiosas envolvidas na realização do sonhado lar nacional judaico. Dentre elas, considera-se neste trabalho a vida da agricultora de Rishon Letzion, Nechama Feinstein Puchachevski, que relatou a sacrificada jornada nas *moshavot* (aldeias agrícolas da Palestina otomana e britânica) no início do século XX. Ela é uma das primeiras a lutar pelos direitos das mulheres na Terra de Israel.

PALAVRAS-CHAVE Movimento sionista, Rishon Letzion, primeira e segunda ondas migratórias para Israel, literatura hebraica.

ABSTRACT The memory of the Jewish People has been always connected to their main personalities. The Zionist movement, part of this memory, had a legacy of valuable figures involved in building the national "Homeland" dream. Among these personalities, we consider here the life of the farmer Nechama Puchachevski from Rishon Letzion. She reported in details the sacrificed journey in the *moshavot* (small villages in Ottoman and British Palestine) in the early 20th century. Nechama was one of the first women to fight for women rights in Eretz Israel.

KEYWORDS Zionist movement, Rishon Letzion, First and Second Aliyah, Hebrew literature.

A gênese do sionismo

A FORMAÇÃO DO MOVIMENTO SIONISTA FOI PRECIPITADA PELO CHOQUE EMOCIONAL dos *pogroms* de 1881-1882. A hostilidade do governo czarista na Rússia para com as vítimas, aliada à indiferença dos círculos liberais e da intelectualidade radical em relação ao sofrimento judaico, deixou bastante claro que a sonhada emancipação dos judeus e sua aceitação social não era uma perspectiva viável. Enquanto a emigração dos judeus da Europa oriental aumentava em progressão geométrica, a imprensa judaica debatia se ela deveria ser direcionada para os Estados Unidos da América ou para a Palestina (SELZER, 1989, p. 631).

Muitos dos emigrantes optaram pelos Estados Unidos, mas a ideia de estabelecer a Terra de Israel como centro da vida judaica ganhou impulso redobrado entre muitos iluministas (*maskilim*) e judeus russos. Durante os *pogroms* (distúrbios e massacres nas aldeias do leste europeu), uma rede de novas sociedades *Chibat Sion* (Amantes de Sion) foram proliferando na denominada *Área de Estabelecimento* (zona exclusiva restringida aos judeus), mobilizando jovens dispostos a iniciar suas vidas na árida Palestina.

O movimento *Chibat Sion*, criado no final do século XIX, provocou profundo impacto na literatura hebraica e na consciência judaica. Quando os movimentos nacionalistas estavam aparecendo na Europa, o sionismo de *Chibat Sion* representava uma afirmação da identidade nacional por parte dos judeus apanhados no fogo cruzado das lealdades em competição e à procura de uma instância de libertação honrosa e efetiva.¹

Durante o tumultuado período dos primórdios do século XX, vários partidos socialistas judeus foram constituídos na Europa oriental. Um deles estava associado à procura de uma pátria para os judeus em qualquer outro local que não fosse a Palestina. Um segundo enfati-

zava a obtenção de direitos legais extensivos à autonomia dos judeus na Rússia. Um terceiro combinava o marxismo com a afirmação da centralidade da Terra de Israel, com base na convicção de que somente na sua pátria histórica e milenar poderiam os judeus empreender uma revolução proletária. Uma quarta tendência sustentava sua ideologia na realização pessoal através do trabalho pioneiro na agricultura. Os dois últimos grupos fizeram do sionismo trabalhista o mais vital dos fatores na nova onda de emigração judaica para a Palestina antes da Primeira Guerra Mundial.

Em 1881-1882 o *Ishuv* contava com cerca de 24.000 judeus sefarditas e ashquenazitas (quase todos sustentados pela filantropia), metade dos quais morava em Jerusalém. A primeira *Aliyah* nas décadas de 1880-1890 resultou em cerca de 20 colônias agrícolas. Muitos se desencorajaram com os obstáculos colocados em seu caminho pelo governo turco, outros foram vencidos pela malária e pelas péssimas condições econômicas do país. Mas, esses primeiros colonos representam um precedente de enorme influência ideológica para as próximas gerações de imigrantes. A segunda *Aliyah* (1904-1914) trouxe cerca de 40.000 judeus para a Palestina, a maioria deles idealistas fugidos da Rússia após o malogrado golpe revolucionário de 1905 (SELZER, 1989, p. 631).

Por volta de 1914, havia, na Terra de Israel, 85.000 judeus, 43 assentamentos agrícolas, um grupo de autodefesa judaica armada e uma nova cidade (Tel Aviv), fundada em 1909. Havia também partidos políticos, sociedades de ajuda mútua, uma imprensa com jornais, escolas e, obviamente, a língua oficial de ensino era o hebraico.

Mulheres escritoras

Há pouco tempo ficamos sabendo que a histó-

ria da literatura hebraica produzida pelas mulheres teve seu início por meados do século XIX, no auge do período da *Haskalá*, ou Iluminismo judaico. Até então, era comum afirmar que as mulheres não conheciam os textos em hebraico e, portanto, neste movimento literário judaico prevaleceu um caráter estritamente masculino. Sendo assim, poucas mulheres que criavam poesia ou ficção foram tomadas em consideração. Esta realidade foi modificando-se com a descoberta de 25 mulheres cujos textos manuscritos foram desencavados dos arquivos e dos jornais publicados durante a *Haskalá*. O objetivo desta escrita teve um caráter memorialista (ENCYCLOPEDIA JUDAICA, 2008).

A pesquisa revelou também que essas escritoras em língua hebraica faziam parte dos círculos iluministas, principalmente na Rússia e na Lituânia. A maioria delas se expressava por meio de gêneros considerados como pouco literários, tais como as cartas pessoais (epistolografia), ensaios sociais e traduções. Talvez a representante mais profícua destas desconhecidas escritoras seja Miriam Markel-Mosessohn (1839-1920), autora da obra "*Ha-Yehudim be-Anglyah*", em 1869 (ENCYCLOPEDIA JUDAICA, 2008).

Notícias sobre escritoras em hebraico aparecem nos arquivos particulares de escritores famosos como Judah Leib Gordon, Peretz Smolenskin e Shneur Sachs, preservando cartas particulares de Rivka Rottner, Sheyne Wolf, Sarah Shapiro e Nechama Feinstein Puchachevsky, entre outras. Estas cartas revelam um ótimo conhecimento do hebraico e das ideias do movimento *Haskalá* por parte das escritoras. Ao encerrar-se o século XIX, poucas autoras judias chegaram a publicar seus trabalhos literários. Apenas duas autoras redigiram poemas (Hanna Blume Sulz de Vilna e Sarah Shapiro) e somente uma (Sarah Feiga Foner Meinkin) escreveu em prosa.

Desde as origens do movimento sionista na passagem do século XIX para o XX, uma visão peculiar sobre a Terra de Israel pode ser encontrada nas páginas dos jornais hebraicos. É a visão das escritoras, que fugiam dos padrões convencionais aceitos na época, pois a maioria delas era responsável pelas rotinas dos lares e a maternidade, duas tarefas que as mantinham afastadas da produção literária (ENCYCLOPEDIA JUDAICA, 2008).

No entanto, a realidade da Palestina otomana era diferente: o afastamento das mulheres dos círculos literários preestabelecidos não as impediu de escrever. Elas não deixaram de expressar suas opiniões sobre a situação do *Ishuv*, continuando a publicar textos próprios e originais; na sua maioria, bem curtos (contos), em que memória e literatura dialogam com total liberdade.

Dentre as escritoras do *Ishuv*, Dvora Baron (1887-1956)² foi a única a despertar, até hoje, a atenção da crítica literária, talvez por se tratar de uma mulher que dedicou toda sua vida a escrever. Mas, certamente, existem outras poetizas que merecem destaque e foram totalmente esquecidas ou ignoradas pelos pesquisadores.

Segundo pesquisas acadêmicas³, as escritoras de Eretz Israel podem ser divididas em três gerações:

1. Primeira geração: são autoras nascidas por meados do século XIX que emigraram à Palestina turca através das duas levadas migratórias (Primeira e Segunda *Aliyot*) vindas do leste europeu. Todas publicaram obras entre 1882-1914. As melhores representantes são: Nechama Puchachevsky, Chemdah Ben Yehuda e Dvora Baron, já citada anteriormente.

2. Segunda geração: são escritoras nascidas durante a primeira década do século XX, publicando seus textos no período de entre-guerras (1918-1939). Entre elas: Batyah Kahana, Rivkah Gurfein e Shoshana Shababo.

3. Terceira geração: são representantes da literatura

hebraica nascidas na segunda e terceira década do século XX. A maioria chegou a Israel ainda quando criança e cresceram como israelenses, entre elas Sarah Gluzman, Pnina Caspi, Shoshana Sherira e Yehudit Hendel.

As narrativas que compõem a literatura hebraica na Terra de Israel possuem tendências feministas muito claras e bem definidas. Na prosa, por exemplo, podem detectar-se duas posições: a primeira, de tipo construtivista e a segunda, de caráter melancólico. Segundo a visão construtivista, as mulheres do *Ishuv* estão prestes a sair de uma posição de total submissão na sociedade para transformar-se em seres com estudos e cultura própria, alcançando um lugar central no renascer nacional da Palestina. Já a visão melancólica está sustentada num feminismo muito mais crítico. Este olhar rejeita com veemência a masculinidade que prevaleceu num primeiro momento no movimento sionista, tentando reconstruir uma sociedade mais justa com ajuda das classes menos privilegiadas, em que naturalmente as minorias compostas por mulheres, operários, proletários, membros de comunidades orientais e grupos menos favorecidos tenham sua vez (ENCYCLOPEDIA JUDAICA, 2008).⁴

Neste contexto histórico de poesia e melancolia, começaremos desencavando a imagem de uma verdadeira pioneira da odisseia sionista.

Corria o ano de 1886 quando Yehuda Leib Gordon (1831-1892), um dos maiores poetas do Iluminismo Judaico (Haskalá) e da língua hebraica, redige a seguinte carta:

Shalom Nechama – meu consolo – como teu próprio nome significa!! Recebi a sua carta e custa acreditar que seja você, uma menina de 16 anos, com apenas dois anos estudando a nossa difícil língua quem escreve uma carta tão longa, de tão

bom gosto e tão precisa em discernimento. Abençoados seus pais por terem recebido de D'us uma filha tão inteligente, e abençoado o homem que um dia caia em suas graças. Há algo que meu coração tem plena certeza: suas aptidões e modos de aluna aplicada converterão você numa boa esposa e numa boa mãe, sendo sua sapiência o orgulho do povo de Israel (GORDON apud GUVIRIN, 1980, p. 3).

A moça mencionada no texto é Nechama Feinstein, mais conhecida como Nechama Puchachevski. Os votos de sucesso enviados pelo escritor Gordon se concretizaram por completo: Nechama converteu-se em escritora da língua hebraica, foi pioneira na preservação da memória do movimento sionista, mãe dedicada e uma das lutadoras mais fervorosas em prol dos direitos das mulheres em Eretz Israel.

Infância, aliá, estudos

Nechama nasceu em 1869 na cidade de Brisk, na Lituânia. Recebeu na sua infância uma educação chassídica ortodoxa. Aos nove anos de idade mudou-se com seus pais para Tzaritzin, uma localidade ao sul da Rússia; e mesmo sem saber inicialmente uma única palavra de russo terminou quatro anos de estudos premiada com notas excelentes.

O pai de Nechama, com receio que a filha se assimilasse à cultura soviética, abandonando as tradições, fez com que ela encerrasse seus estudos no ginásio, contratando um professor particular para seus estudos de hebraico e cultura judaica.

Aos 17 anos Nechama visitou Brisk, alistando-se ao movimento *Chibat Zion*. Em 1889 ela conheceu o jovem Iechiel Puchachevski, com quem casou, emigrando com ele para *Eretz Israel* no fi-

nal desse mesmo ano. O casal se assentou na colônia de Rishon Letzion (GUVIRIN, 1980, p. 3).

Poucos anos antes, o jovem Iechiel, com mais cinco colegas, havia sido escolhido pelo Baron Edmond James Rotschild (1845-1934) para realizar uma especialização em agricultura e desta forma poder ensinar rudimentos agrícolas aos novos colonos. No final de 1885, estudou e trabalhou na agricultura em Zichron Yaacov, Rosh Pina e Yesod Hamaalá, seguindo as diretrizes dos agrônomos do Barão, especializando-se em áreas propícias para cultivos e irrigação. Vale lembrar que, dos seis jovens que fizeram a referida especialização, apenas dois continuaram na agricultura: Iechiel Puchachevski e Guershom Horowitz. O jovem Itzhak Epstein, também dessa turma, enveredou para a pedagogia, fundando a primeira escola em Rosh Pina. Puchachevski trabalhou a terra por mais de 50 anos em Rishon Letzion, sendo o maior especialista da época em vinhedos e árvores frutíferas (AARONSOHN, 2000).⁵

O jovem casal Nechama e Iechiel morou num pequeno quarto no prédio dos funcionários do Barão, em Rishon Letzion, e depois habitaram sua própria casa. Era um lar todo especial, pois nele se falava apenas em hebraico. Era também a segunda moradia fundada no *Moshav*, pois a primeira era a de David Iodlowich. O casal desenvolveu sua granja agrícola e também dedicou boa parte do tempo às atividades públicas e culturais.

Iechiel Puchachevski foi *madrich* (monitor de jovens) na colônia agrícola de Rishon Letzion, ministrando também aulas de história do povo judeu e geografia da terra de Israel. Com o passar do tempo, foi auxiliar de agricultura em outros lugares de *Eretz Israel* e praticamente não havia localidade durante o Mandato Britânico que ele não conhecesse. Iechiel publicou também artigos abordando temas agrícolas, destacando-se suas memórias, pu-

blicadas em 31 capítulos do jornal *Bustenai*.⁶ Morreu com 84 anos.

Questionamentos em hebraico

Uma testemunha que conheceu Nechama Puchachevski foi Shlomó Zemach. Ele escreveu um livro de caráter autobiográfico intitulado *Shaná Rishoná* (O primeiro ano), no qual descreve com luxo de detalhes os anos 1904-1905 em Rishon Letzion. Num trecho ele anota:

Numa pequena casa construída no ápice da colina, nos recebeu o Sr. Puchachevski, um homem de pouca amizade. Fomos até a varanda e ele apresentou sua esposa. A Sra. Puchachevski foi sempre – desde a sua infância e até hoje – uma bela mulher, de temperamento forte, e nestas qualidades está fundamentado o orgulho de seu entendimento e valor. É ela muito estudiosa, escreve histórias sobre a vida no país e sua fala em hebraico é perfeita e bem sonora (ZEMACH apud GUVIRIN, 1980, p. 4).

Nechama Feinstein Puchachevski, conhecida pelas siglas NEFESH (alma), publicou suas matérias no jornal *Hamelitz*, fora de Eretz Israel. Fez contribuições ao terceiro volume da revista *Olam Katan* (Mundo pequeno)⁷, o primeiro jornal destinado às crianças e publicado entre 1893-1894. O conto *Shulamit e Ketzia* narra uma história fugaz de duas belas e fieis amigas de escola que aos poucos vão apaixonando-se uma pela outra.

Nechama Puchachevski participou também da polêmica discussão levantada sobre a aquisição de terras na Palestina britânica. Tudo começou em 1908, com a publicação do artigo de Itzhak Epstein, *Sheelá Neelmá* (A pergunta que sumiu), na qual o autor questiona o aspecto moral e ético da

compra de terras e propriedades dos árabes da região. A compra de terras por parte dos pioneiros sionistas implicava a demissão dos trabalhadores árabes que trabalhavam naquelas terras adquiridas. Nas páginas do *Hashiloach*, Nechama, que defendia o conceito de *avodá ivrit* (trabalho judaico), rebateu por completo as ideias de Epstein.⁸

Melancolia e morte

A primeira obra de Nechama Puchachevski, *Biyehudá Hachadashá* (Na Nova Judeia), foi publicada por conta própria, sem editora, por 1911, em Yaffo. Tinha 74 páginas e 10 contos. Na primeira parte ela traça o perfil da mulher oriental, principalmente iemenita, retratada como vítima e objeto do homem iemenita. Incluía também contos relacionados com a dura vida dos pioneiros. Já na segunda parte, descreve os pormenores da jornada dos agricultores iemenitas. Esta obra é uma das primeiras na qual aparecem relatos acerca das diferentes etnias que compõem o povo judeu e não apenas da saga dos judeus asquenazitas, predominantes no panorama da sociedade israelense. Permeia no livro um clima de profunda melancolia, de forte desespero e falta de esperanças. A maioria dos personagens apresenta inúmeras dificuldades e os protagonistas mal conseguem superar um obstáculo e já se defrontam com outro (PUCHACHEVSKI, 1911a).⁹

Os contos de *Biyehudá Hachadashá* estão todos baseados em histórias reais. Tomemos por exemplo o conto *Tachat Haetrog* (Debaixo do etrog), narrando a biografia do agricultor Binyamin Fein, um camponês judeu que não consegue aprender os rudimentos básicos da agricultura, sua plantação de cítricos não dá frutos enquanto as plantações dos vizinhos não param de crescer. Para piorar sua situação, Binyamin tem uma esposa inteli-

gente, porém gastadora, que o obriga a viver um nível de vida acima de suas possibilidades. Esta mulher vem a falecer numa cirurgia delicada e, para pagar as altas despesas hospitalares, o personagem casa com uma mulher rica, porém agressiva e histérica. O final é também trágico: Binyamin, já cansado da vida, se suicida abaixo de seu *etrog*, uma espécie de limoeiro (PUCHACHEVSKI, 1911c).

O conto intitulado *Gossesset* (Agonizante) relata a história de uma mulher que está prestes a morrer e revive seu passado agitado, no qual passou pelas mãos de diversos homens, experimentando aventuras significativas. A melancólica trama descreve a personagem central como adicta às drogas. Trata-se, talvez, da primeira descrição feita pela literatura hebraica de uma dependente química em *Eretz Israel* (PUCHACHEVSKI, 1911d).

Os cinco contos focados nos judeus iemenitas não diferem das histórias dos agricultores. Entre os personagens do Iêmen há um permanente sentimento de dor, pobreza, miséria, doenças e morte. Há nestas narrativas uma dura crítica à religiosidade e à ortodoxia, principalmente entre as figuras femininas. As tribulações da Primeira Aliá e o surgimento do grupo BIL"U (= *Beit Iaakov Lechu Venelechá*), formado por judeus vindos da Rússia czarista, adquirem força total, retratando o drama da mortalidade infantil dentro do grupo, o baixo nível da medicina e outros problemas.¹⁰

Vale lembrar que a própria Nechama, autora dos contos, perdeu dois filhos de tifo. Em *Haemet Meeretz Israel* (A verdade da Terra de Israel), Puchachevski cria uma narrativa cujo cenário é Rishon Letzion. Ela foi corajosa, pois se atreveu a descrever uma realidade que outros escritores não descreveram: a vida dura experimentada pela primeira leva migratória (Primeira Aliá) de sionistas que afastou boa parte dos sonhadores da segunda leva migratória (Segunda Aliá) (PUCHACHEVSKI, 1911).¹¹

Aldeia e trabalho

Em 1923 Nechama Puchachevsky publicou seu conto *Hatekufá* (A época), cuja trama, também de total tristeza e desolação, transcorre durante a Primeira Guerra Mundial. Sete anos depois aproximadamente, é publicado em Tel Aviv o livro *Bakfar Ubaavodá* (1930), narrando cinco histórias em 212 páginas. A escolha da editora *Hedim* (Ecos) reflete um avanço na projeção literária da autora. Afinal, os dois intelectuais responsáveis pela editora eram Asher Barash e Yaacov Rabinovich, dois verdadeiros pilares da nova literatura hebraica da Palestina sob domínio britânico (PUCHACHEVSKI, 1930a).

As diferentes tramas da obra *Bakfar Ubaavodá* não fogem daquela atmosfera de penúria, solidão, tristeza e dor que permeiam suas narrativas anteriores. Desta vez, Nechama cria personagens femininos problemáticos, todos repletos de obstáculos. A sorte destes indivíduos é cruel e, por vezes, trágica. São mulheres de origem asquenazita inteligentes, porém totalmente reprimidas pelos maridos. O tema central em que as dificuldades se sucedem retrata a vida coletiva, a vida comunal entre os membros da colônia agrícola. Lá existe uma imperiosa necessidade de compartilhar tudo, mas nem sempre isto é possível.¹²

O conto mais amargo, que beira o niilismo, se intitula *Bivdidut* (Na solidão). Nele Nechama Puchachevski recria uma personagem única: uma mulher solteira, de 40 anos de idade, que sofre de solidão; tem um temperamento briguento e agressivo e ainda vive na aldeia com seu irmão. A personagem se sente totalmente responsável por esse irmão, mas ambos não se entendem, a ponto de ele explorá-la e tirar dela o máximo proveito.

Uma das mais acaloradas discussões entre os dois aborda um assunto que preocupava toda a comunidade judaica na Palestina entre as duas guer-

ras mundiais: o trabalho judaico ou *avodá ivrit*. Enquanto o irmão vê com total naturalidade empregar mão de obra árabe nas tarefas agrícolas, ela acha isso uma verdadeira afronta à causa nacional. Em outras palavras, seu irmão estaria traindo o Sionismo, que prega o retorno dos judeus à mãe-terra.¹³

Aos poucos a personagem, Tsipora Drori, se afasta do irmão, que atrapalha a relação dela com outro homem pelo qual se apaixona. Por sua vez, ele tem um caso amoroso com uma mulher de passado suspeito, que deseja expulsar a sua irmã de casa. Final da história: a protagonista se despede de seu lar, abandona por completo seu irmão e vai trabalhar num refeitório coletivo de operários judeus (PUCHACHEVSKI, 1930b).

Uma crítica favorável a este conto apareceu em jornais e magazines da Palestina (*Ha-Olam, Ha-Toren, Ha-Shiloah e Ha-Tekufah*), mas de uma forma pouco detalhada. A literatura hebraica ainda caminhava a passos vagarosos.

A morte e a saudade

Nechama Puchachevski morreu em 7 de Nissan de 5.694 (1934). Mesmo sendo uma autora que tratou a Primeira Aliá, ela nunca se identificou com sua ideologia, com seu estilo de vida nem com sua literatura.¹⁴ A colônia agrícola de Rishon Letzion ficou de luto ao saber de seu falecimento, como se um *tzadik* (justo) tivesse desaparecido. Durante o sepultamento, David Bader, uma figura proeminente do movimento operário judaico na Palestina, amigo de David Ben Gurion, relatou seu primeiro encontro com Nechama nos dias difíceis que atravessava o país:

Por anos a defunta foi uma conselheira dos operários, ensinando-lhes como organizar uma cozi-

nha comunitária, como desenvolver uma padaria, como cozinhar e como preparar o pão. Várias vezes ela levou até o refeitório frente a sua casa folhas de parreira para aquecer o ambiente (BADER apud GUVIRIN, 1988, p. 5).

O texto mais comovedor sobre Nechama Puchachevski foi escrito *post-mortem*, pelo ensaísta sionista Moshe Smilansky (1874-1953), também conhecido pelo pseudônimo de Khawaja Mussa. Ele chegou à Palestina em 1890 e por volta de 1892 comentou seus primeiros encontros com Nechama:

Quando retornava do trabalho a meu quarto, atravessando o estábulo, vislumbrava uma jovem de cabelo castanho-escuro, bonita, que me olhava com vontade. Eu lhe retribuía com um olhar indiferente. Tinha somente 17 anos de idade e não sabia que ela era “Nefesh” (Nechama Feinstein), a autora das cartas que eu costumava ler no jornal “Melitz” (periódico em hebraico, da época), belos textos que exprimiam um amor e um carinho todo especial pela pátria (SMILANSKY apud GUVIRIN, 1988, p.5).

Smilansky descreve Nechama como uma mulher ferida que sofreu uma forte tragédia humana, mas que soube reverter essa tragédia pessoal em eterna fonte de amor, piedade e gratidão para todos os seres humanos. Smilansky não especifica que tipo de tragédia viveu a escritora, mas acreditamos que ele faz aqui uma clara referência à morte de seus dois filhos.¹⁵

Nechama Puchachevski foi a primeira cronista e memorialista da colonização judaica em *Eretz Israel*. Seus contos, inesquecíveis, são a marca registrada na luta do Ishuv (população judaica antes da criação de Israel) contra turcos, britânicos e árabes da Palestina entre 1882 e 1934.

Desta forma, o Sionismo ganhava sua primeira escritora.

NOTAS

1 Sobre Chibat Sion ou Chovevei Sion, ver: Selzer, Judaica, vol.II, p. 632 e 692-695 (explica a relação do movimento com o líder do sionismo cultural Asher Ginsberg, mais conhecido como Achad Ha-Am).

2 Dvora Baron foi uma escritora profícua. Ver sua biografia em Guvrin (1988) e sua psicobiografia redigida por Lieblich (1991). Esta última obra está composta por 24 entrevistas oferecidas por Dvora Baron a Amia Lieblich.

3 A historiografia que aborda a literatura hebraica moderna na Palestina é muito rica em trabalhos de pesquisa. Lembro aqui as documentadas matérias publicadas ultimamente por Yafah Berlovitz e Margalit Shilo. Ver: BERLOVITZ, 1989; 2000; SHILO, 2001.

4 Encyclopaedia Judaica, Modern Hebrew Literature, 2008. In: Jewish Virtual Library. http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/judaica/ajud_0002_0008_0_08630.html especialmente p. 42-43.

5 Lechiel Puchachevsky estudou na primeira escola agrícola da Palestina Mikvé Israel, fundada em 1870 por Wolf Kalischer (filho do rabino Tzvi Hirsh Kalischer), e com ajuda financeira da Aliança Israelita Universal (AARONSOHN, 2000).

6 Bustenai era o jornal semanal da “Confederação dos Trabalhadores Agrícolas” e dos “Sionistas Gerais” na Palestina. As memórias de Lechiel Michael Puchachevski foram publicadas entre os anos 1929-1939, época em que se difundia também o jornal. Este veículo do movimento sionista divulgava as ideias pacifistas do Dr. Chaim Weizmann, defensor da cooperação entre árabes e judeus. Entre os principais editores citamos Moshe Smilansky e T.Z. Miller, dois colonistas de assuntos agrícolas. Havia também o magazine *Bustenai La-Noar* (Bustenai para jovens), publicado entre 1935-1937, e uma revista mensal intitulada *Mi-Yamim Rishonim* (1934-1935), que trazia informações do *Ishuv* e dos novos assentamentos agrícolas na Palestina.

7 Publicado desde 1856, o magazine da Palestina *Olam Katan* trazia matérias ilustradas sobre diferentes temas, a saber: tendências dentro do sionismo, correntes religiosas no judaísmo e artes em geral. Ver: PUCHACHEVSKI, Nechama, ‘*Shulamit e Ketzia*’, conto publicado em *Olam Katan*.

8 Em 1896 Achad Ha-Am tornou-se diretor da editora do movimento Chibat Sion, publicando sua nova revista mensal *Hashiloach*, que ele transformou no melhor jornal literário em hebraico do seu tempo, competindo com os melhores jornais culturais da Europa. Ver: Judaica vol. II, p. 693. Sobre a venda de terras aos árabes da Palestina e o emprego de mão de obra judaica (*avodá ivrit*) ver Risa Domb (1982) e Gila Ramras-Rauch (1989).

9 Sobre a história dos judeus iemenitas nos primórdios da Palestina, ver: BERLOVITZ, 1982, p. 76-108. (em hebraico)

10 O nome BIL”U vem das siglas mencionadas em Isaías 2:5: “*Beit laacov Lechu venelchá beor Adonai*” [Casa de Jacó vinde, caminhemos à luz do Senhor]. Ver: SELZER (1989, p. 778, nota 4).

11 PUCHACHEVSKI, Nechama. *Haemet Meeretz Israel*. Tel Aviv s.d. (Livro de contos).

12 A luta entre o individual e o coletivo na vida das mulheres asquenazitas retratadas por Nechama é central na trama de seus contos. Ver: PUCHACHEVSKI, 1930a.

13 O termo *avodá ivrit* faz parte de um conceito ideológico maior denominado “*kibush avodá*” (conquista do trabalho) estabelecido pelos sionistas da 2ª *Aliyah*. Para entender este tema ver: *Zionism and Israel-Encyclopedic Dictionary* in http://www.zionism-israel.com/dic/Avoda_Ivrit.htm.

14 Sobre o papel da mulher na primeira *Aliyah* ver Shilo (1996).

15 Seus dois primeiros filhos morreram ainda jovens. Não foram reveladas as causas das mortes, mas soube-se que, depois desta tragédia, Nechama viajou à Rússia com seu filho Esahel, permanecendo lá durante um ano e meio, enquanto seu marido Lechiel Michael ficou na colônia de Rishon Letzion, na Palestina. Ver, sobre Nechama Puchachevski, em Wikipedia, duas páginas com referências de suas obras em hebraico.

REFERÊNCIAS

- AARONSOHN, Ran. *Rotschild and Early Jewish Colonization in Palestine*. Lanham MD: Rowman & Littlefield Publications Inc, 2000.
- BERLOVITZ, Yafah. 'Denut ha-temani be-sifrut ha-alyot ha-rishonot al rega ha-mifgash ha-ben adati' in *PE'AMIM*, 10, 1982, p.76-108. (em hebraico)
- _____. 'Women as Presented in Women's Literature of the First Aliyah' in *CATHEDRA* 54, December 1989, p. 107-124.
- _____. 'Exploring the Zionist Narrative of Women – Dawn of a Century' in BarEl, Joseph; Schwartz, Y.; HESS, Tamar (eds.). *Sifrut ve-Hevrah be-Tarbut ha-Ivrit ha-Hadashah*. Tel Aviv, 2000, p. 421-439.
- DOMB, Risa. 'The Arab in Fact and Fiction as Reflected in the Works of Moshe Smilansky (1874-1953)' in *Jewish Quarterly* 29, n. 4, 1982, p. 3-7.
- GUVRIN, Nurit. "Ha-Soferet ha-Eretzraelit ha-Rishoná". *ET-MÔL* vol.6, fasc.2, November 1980, p. 3-5 (em hebraico).
- _____. *Devorah Baron, Early Chapters*. Jerusalem, 1988. (em hebraico)
- ENCYCLOPAEDIA JUDAICA, Modern Hebrew Literature, 2008. In: Jewish Virtual Library. http://www.jewishvirtuallibrary.org/jsource/judaica/ejud_0002_0008_0_08630.html. Consultado em 01/03/2010.
- LIEBLICH, Amia. *Embroideries*. Tel Aviv, 1991. (em hebraico)
- Olam Katan*. Três exemplares do jornal para crianças publicado entre 1893-1894
- PUCHACHEVSKI, Nechama. *Biyehudá Hachadashá*. Yaffo: Hedim, 1911a.
- _____. 'Shulamit e Ketzia' in *Biyehudá Hachadashá*. Yaffo: Hedim, 1911b.
- _____. 'Tachat Haetrog' in *Biyehudá Hachadashá*. Yaffo: Hedim, 1911c.
- _____. 'Gosseset' in *Biyehudá Hachadashá*. Yaffo: Hedim, 1911d.
- _____. *Bakfar Ubaavodá*. Tel Aviv, 1930a.
- _____. 'Babedidut' in *Bakfar Ubaavodá*. Tel Aviv, 1930b.
- _____. 'Hatekufá' in *Bakfar Ubaavodá*. Tel Aviv: Hedim, 1930c.
- RAMRAS-RAUCH, Gila. *The Arab in Israeli Literature*. Bloomington: Indiana University Press, 1989.
- SELZER, R. *Povo judeu, pensamento judaico*. Judaica II. Rio de Janeiro: A. Koogan, 1989.
- SHILÓ, Margalit. 'The Transformation of the Role of Women in the First Aliyah, 1882-1903'. *Jewish Social Studies*, Vol. 2, 1996, p. 64-86.
- SHILÓ, Margalit; KARK, Ruth; Hazan-Rokem, Galit (eds.). *The New Hebrew Women; Women in the Yishuv & in Zionism from a Gender Perspective*. Jerusalem: Yad Ben-Zvi Press, 2001.
- Zionism and Israel* - Encyclopedic Dictionary. http://www.zionism-israel.com/dic/Avoda_Ivrit.htm